



**AMÁVEL REDENTORA:
MODELOS FEMININOS EM *LETÍCIA* DE ANNA
RIBEIRO**

Marcelo Souza Oliveira *

Universidade do Estado da Bahia – UEBA

historiadormarcelo@bol.com.br

RESUMO: O presente artigo analisa o processo histórico ocorrido no Recôncavo Baiano no final dos oitocentos sob a ótica dessa autora, enfocando também os papéis atribuídos à mulher da elite dentro desse contexto. O entrecruzamento do discurso histórico acerca do final do século XIX com o romance **Letícia** nos fez perceber que os modelos idealizados para mulheres estavam sofrendo alterações, e que essas objetivavam ao mesmo tempo uma resistência às transformações e uma adequação aos “novos tempos” da Bahia nos fins dos oitocentos.

PALAVRAS-CHAVE: História – Literatura – Representações Femininas

ABSTRACT: The present article was intended to analyze the historical process happened in the Bay area From Bahia in the end of the eight hundred under that author's optics, also focusing the papers attributed to the woman of the elite inside of that context. The crossing of the historical speech on the end of the century XIX with to memoirs of Anna Ribeiro and the romance **Letícia** made us to notice that the models idealized by the were suffering alterations that aimed at the resistance at the same time to the transformations and the adaptation at the “new times” of Bahia in the ends of the eight hundred were.

KEYWORDS: History – Literature – Feminine Representations

Durante o século XIX o clã dos Araújo Góes¹ se consolidou como uma das famílias senhoriais mais importantes da Bahia. Na região da então chamada Sant'Anna

* Mestrando em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia – Campus I – Salvador /BA.

¹ A família Araújo Góes é conhecida segunda Kátia Matoso como uma das mais antigas e tradicionais da Bahia. Seu fundador português, Gaspar de Araújo, originário da vila de Arcos de Val-de-Vez, no Minho, e sua Mulher Dona Catarina de Góes, procedente da vila de Alemquer perto de Lisboa se instalaram em 1561 na Capitania de Porto Seguro. A Partir de 1800-1810 uma de suas descendências (Simeão de Araújo Góes) de destacam na política e economia de Salvador e do Recôncavo.

do Catu² vários de seus membros dominavam o cenário social e econômico que fora fundado na produção canavieira para a exportação.³ Entretanto, com o fim da escravidão e a nova conjuntura econômica internacional o recôncavo baiano enfrentou tempos difíceis, tempos de transição. As, outrora, “ilustres” famílias patriarcais vêem o mundo, que antes fora apenas a continuação de suas vontades, se transformarem com o advento da República e idéias liberais advindos da Europa. Nesse período, Anna Ribeiro de Araújo Góes Bittencourt se desenvolve no cenário literário baiano, um palco quase que totalmente dominado por homens. Produzindo vasta obra num tom bastante detalhista, *Santinha*⁴ inscreve em seus textos os valores, as regras, os medos, traumas e anseios de uma elite. Mais que isso, ela registra um olhar diferenciado em sua literatura, pois ao contar suas histórias costumava ambientá-las no recôncavo baiano, contando ainda sua versão sobre os fatos históricos ocorridos naquele momento. Anna Ribeiro,⁵ foi uma historiadora do seu tempo escrevendo e inscrevendo o cotidiano, as mudanças, os sentimentos e emoções de uma elite que tinha que agora se adaptar a uma nova Bahia muito distante daquela de “outros tempos” lembrado com nostalgia pela escritora e memorialista.

O romance para Anna Ribeiro era considerado como um forte instrumento de poder. Ela afirmava que os textos romanescos não deveriam ser encarados como “mera fantasia” e sim como uma forma de deixar registros para a posteridade:

O romance não é mais uma fantasia de imaginação para o divertimento das damas, porém sim uma obra séria, cujos detalhes são documentados, irá encontrar escrita, dia a dia a história do nosso século e na qual os investigadores do século próximo.⁶

² Santana do Catu é um município situado no Recôncavo Norte do estado da Bahia emancipada em 26 de junho de 1868. Tradicional no século XIX, pelo número de engenhos que comportava, Catu era tida por Anna Ribeiro como sua fonte de inspiração.

³ Santana do Catu é um município situado no Recôncavo Norte do estado da Bahia emancipada em 26 de junho de 1868. A cidade é hoje conhecida apenas com nome de Catu.

⁴ Apelido atribuído a Anna Ribeiro pelos seus familiares.

⁵ D. Anna assinava o sobrenome da mãe em seus textos o que não era normal em sua época. O fato de não escrever nem o nome do marido, nem o do pai pode ter muitas explicações, uma delas diz pode estar ligado ao orgulho e respeito que tinha pelo Bisavô – Major Pedro Ribeiro – ao qual dedicou o primeiro volume do seu livro de memórias outra poderia ser ao fato da enorme consideração e respeito que tinha pela mãe que dizia ser uma “santa”. (BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Araújo Góes. **Longos serões do campo**: o major Pedro Ribeiro. São Paulo: Nova Fronteira, 1992. v. 1.)

⁶ Id. Exaltação. **A voz da Liga Baiana das Senhoras Católicas**, Salvador, v. 2, n. 06, p. 91, 1916.

Alguns indícios presentes em suas narrativas suscitaram à idéia de explorar a possibilidade de que ela tinha consciência de que movia as suas personagens em direção à instituição de certos tipos sociais, cujos formatos iniciais de expressão seriam a sua nomeação a pretexto de uma individualização tipológica. No artigo **Exaltação**, fica clara as idéias da autora acerca da instituição de tipos dentro das narrativas literárias:

O essencial será o conjunto dos bons princípios, das idéias sãs, o caráter dos personagens que, embora imaginários, devem ser verdadeira imagem dos caracteres que apresenta a humanidade em suas múltiplas variedades. [...] Apresentar **tipos inverossímeis** ou então um infeliz desequilibrado, ornado das jóias estilísticas como uma cousa comum e usual, é inconveniente e até perigoso. [...] Que triste idéia farão os vindouros da mulher de nosso século, se julgarem **verossímeis os tipos representados** por alguns romances, entre os quais podemos citar a *Exaltação*!⁷ [destaques meus]

Nesse artigo, a Anna Ribeiro faz críticas ao romance **Exaltação**, por achar que os tipos expressos nele não correspondiam com a realidade, pois colocavam em cena personagens “desfrutáveis”, o que podia dar a idéia aos leitores “do próximo século” de que as mulheres daquele tempo eram tão frívolas quanto as personagens daquela trama. Ou seja, Anna Ribeiro acusa a romancista Albertina Bertha – autora de **Exaltação** – de tentar passar a posteridade, tipos “inverossímeis” que não correspondiam com a maioria das mulheres – leitoras – contemporâneas.

Um dos pontos que chamam a atenção na citação acima é que para a Anna Ribeiro as personagens das narrativas literárias deveriam expor um “conjunto dos bons princípios”, “das idéias” e do “caráter” que se aproximassem da humanidade. Considera ainda que as personagens possam expressar as “múltiplas variedades” de qualidades dessa mesma humanidade, ou seja, ela defende que dentro das narrativas devem existir personagens que expressem as diferentes personalidades que a realidade poderia oferecer ao olhar (re)criador do escritor literário. A terceira consideração ainda em relação as referências trazidas na citação diz respeito a verossimilhança que os “tipos” deveriam compor. Propositamente o termo “tipo” aparece repetidamente acompanhada do termo (in)verossímil, isso com certeza não tinha nem uma casualidade na disposição das palavras, era uma intencional forma de deixar claro ao leitor que os tipos sociais apresentados nas narrativas literárias, para Anna Ribeiro, não deveriam de forma alguma ser inverossímeis, ou seja, não deveriam deixar de se aproximar da realidade, de

⁷ BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Góes. *Exaltação*. **A voz da Liga Baiana das Senhoras Católicas**, Salvador, v. 2, n. 06, p. 91-93, 1916.

(re)criá-la. As personagens femininas de **Exaltação** tinham na opinião de Dona Anna, qualidades que não se achavam – ou não deviam se achar – nas mulheres da elite do Recôncavo do século XIX: eram desfrutáveis, fúteis e frívolas. Tais características poderiam suscitar nos leitores do século vindouro, a identificação das personagens da literatura com as mulheres da “boa sociedade”. Em contraposição a isso, a própria Anna Ribeiro lança mão dos seus dotes e lança-se na carreira literária.

Os romances de Anna Ribeiro são extremamente detalhados. As paisagens e o modo de vida das pessoas são minuciosamente descritos levando o leitor viajar até o século XIX, enxergando-o com os olhos da autora. Mais que narrar acontecimentos, o texto romanesco de Anna Ribeiro tem o objetivo declarado de “educar” as moças da elite do final do século XIX. Tendo como protagonistas “mulheres virtuosas” que vive as voltas com o insucesso econômico de seus pais ou maridos, os textos evocam uma posição “redentora” da mulher em relação ao homem pecador e a manutenção da família e dos “bons costumes”. Ficam latentes em seus escritos os discursos de um tempo onde a mulher é restringida a ser mãe, dona-de-casa, e sempre dependente do senhor de engenho, devendo utilizar a sensibilidade do “belo sexo” a lógica patriarcal que a relegava ao seio do ambiente privado em detrimento do público.

O presente texto se pretende a fazer uma leitura do romance **Letícia**, publicado por Anna Ribeiro nos primeiros anos da República, numa perspectiva histórica tentando estabelecer algumas relações possíveis entre história e literatura.

O CONTEXTO DO TEXTO: O MOMENTO HISTÓRICO DA ÉPOCA DE LETÍCIA

O Brasil do século XIX passou por um processo social e político que permeou uma mudança de comportamento na elite feminina, sendo que a literatura para moças teve um papel preponderante nessa questão. Segundo Gilberto Freire, a segunda metade do século XIX é marcada pela decadência do patriarcado rural⁸ que se consolidara nas casas grandes e fazendas.⁹ A crise econômica das atividades agro-exportadoras,

⁸ O conceito aqui expresso se remete a estrutura família centrada onde o senhor de engenho reside permanentemente em suas terras, cercado pela mulher, filhos, grupo freqüentemente ampliado pela presença não só de parentes, mais ou menos, próximos – pai, mãe, irmãos, primos – como de afilhados e até de filhos bastardos. Além de agregados e escravos. (MATTOSO, Kátia M. de Queirós. **Bahia século XIX: Uma Província no império**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. p.188-192.)

⁹ Cf. FREIRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano**. 15 ed. São Paulo: Global, 2004.

sobretudo a canavieira, levou vários membros da elite a cursarem um curso superior nas capitais, a exemplo dos cursos de medicina, engenharia, farmácia e direito. As idas a capital se tornaram cada vez mais freqüentes estabelecendo contatos crescentes com os ambientes urbanos. As transformações políticas e sociais desse período foram marcadas por acontecimentos como a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República. Tal processo foi acompanhado pelo desejo das elites de aderirem ao projeto de “civilidade” européia para a fomentação do projeto de nação brasileira.

Para Adriana Reis, o anseio da elite pela “civilidade” influenciou a mudança de comportamento da elite feminina que precisaria de uma educação que as levasse a ter “boas maneiras”. O “belo sexo” necessitaria de habilidades para o convívio social.¹⁰ As novas formas de socialização e a circulação de novas idéias geraram uma demanda crescente pela produção escrita voltada para o gênero feminino, ampliando os espaços para o mercado literário, editores e escritores passavam a produzir jornais, revistas, periódicos e romances voltados para o público feminino. A expressão de um modelo feminino que se enquadrasse a realidade social vigente era uma constante nessas produções e esses paradigmas eram registrados nos textos escritos fossem eles “ficção” ou não. A educação das mulheres começa a ganhar “status” de nobreza. Os professores, em geral particulares, ensinam francês, literatura, música, história e geografia. Tudo era feito para que as moças não fizessem “feio” perante a sociedade. A própria mãe de Anna Ribeiro dizia que nada era pior do que uma moça que não tivesse boas “prendas”.

A AUTORA EM CONTEXTO: UMA BREVE BIOGRAFIA DE ANNA RIBEIRO

Nesse contexto, viveu a escritora Anna Ribeiro de Araújo Góes Bittencourt. Nascida em Itapicuru, em 1843, viveu desde os sete anos nos arredores da cidade de Catu no recôncavo baiano. Pertencente a uma das mais conceituadas e antigas famílias da província baiana, os Araújo Góes do Catu, que era considerada nas palavras da própria Anna Ribeiro como “[...] uma espécie de aristocracia formada pela classe muito considerada dos senhores de engenho, que era segunda nobreza do país, como era na França a magistratura”.¹¹

¹⁰ Cf. REIS, Adriana Dantas. **Cora**: Lições de comportamento feminino na Bahia do século XIX. Salvador; Centro de Estudos baianos da UFBA, 2000.

¹¹ BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Araújo Góes. **Longos serões do campo**: infância e juventude. São Paulo: Nova Fronteira, 1992, p. 01. v. 2.

A realidade de Anna Ribeiro foi bem típica de uma sociedade patriarcal e agrária: escravos, engenhos, barões (era sobrinha e prima de três dos mais poderosos e abastados da região¹²), igreja... Esposa do médico e senhor de engenho Sócrates Bittencourt, primeiro Intendente de Santana do Catu, dedicada esposa empenhou-se em cuidar de seus três filhos, de seu pai e dos serviços domésticos juntos aos dos escravos. Anna Ribeiro pode ser considerada uma típica representante da elite feminina do recôncavo baiano no século XIX. Escritora hábil e detalhista se dedicava a produzir textos para as jovens “sinhazinhas” de seu tempo.

A obra de Anna Ribeiro é vasta e diversificada. Nancy Rita Vieira Fontes classifica a produção literária de Anna Ribeiro da seguinte forma: romances sagrados – **A Filha de Jephté** (1882) e **Abigail** (1921) – e romances profanos – **O anjo do perdão** (1885), **Helena** (1901), **Lúcia** (1903), **Letícia** (1908) e **Suzana** (Inédito). Ribeiro também produziu uma biografia intitulada **Longos Serões do Campo** (1992). Dos contos, três foram publicados em forma de folhetim por Jornais de Salvador: **Dulce & Alina** (1901), **Violeta & Angélica** (1906) e **Marieta** (1908).¹³ Anna ainda produziu trabalhos em outros gêneros literários e jornalísticos: dezessete poemas, três hinos religiosos e dezessete artigos. Além de quatro manuscritos na área da crítica literária, e de um texto narrativo que trata da neta falecida (como está incompleto não se sabe seria um romance ou conto) como uma homenagem póstuma.

Na sua produção, era constante a intenção moralizante, o empenho de apresentar modelos que os jovens pudessem se identificar, conforme registrou o escritor Gilberto Freire em **Sobrados e Mucambos**:

Bem dizia em 1885 Da. Anna Ribeiro de Góes Bittencourt, ilustre colaboradora baiana do Almanaque de lembranças luso-brasileiro, alarmada com as tendências românticas das novas gerações – principalmente com as meninas fugindo de casa com os namorados – que convinha aos pais evitar as más influências junto às pobres mocinhas. O mau teatro. Os maus romances. As más literaturas. Os romances de José de Alencar, por exemplo, com “certas cenas um

¹² Os três Barões referidos, Barão de Araújo Góes (1809-1878) – incentivador direto da carreira literária de Anna Ribeiro foi responsável pelo prefácio do Visconde de Taunay ao primeiro romance de D. Anna intitulado *A filha de Jephté* –, o Barão de Camaçari (1828-1919) e o Barão de São Miguel (1840-1936). Os dois últimos foram grandes senhores em Catu sendo que as regiões onde eles ficavam levam seus nomes até os dias de hoje.

¹³ Os jornais soteropolitanos que mais publicaram as obras de Anna Ribeiro em forma de folhetim foi o *Jornal A Bahia* (**Helena**, **Lúcia**, **Dulce & Alina** e **Abigail**) e o *Jornal de Notícias* (**Violeta & Angélica** e **Marieta**). Duas de suas obras (**A filha de Jephté** e **Letícia**) encadernadas e impressas pela Tipografia e Encadernação Reis, na cidade Salvador.

pouco desnudas” e certos “perfis de mulheres altivas e caprichosas [...] que podem seduzir a uma jovem inexperiente, levando-a a querer imitar esses tipos inconvenientes na vida real.¹⁴

Para Nancy Vieira Fontes, romances de Anna Ribeiro têm um valor pedagógico onde as histórias têm a função de mostrar às jovens a necessidade de conservar os “valores e os bons costumes” através de lições de moral explicitamente evocadas em seus escritos. As personagens de Anna Ribeiro têm quase sempre como protagonistas moças, que vivem entre as calúnias contra sua honra, o fracasso econômico familiar e a defesa dos valores morais.

Tanto em suas memórias quanto em sua ficção, são documentadas as transformações ocorridas na sociedade, como o processo de abolição da escravatura e a decadência da elite agrária fundada na cana e nos produtos tropicais. Para Fontes, Anna Ribeiro “[...] foi uma mulher síntese de uma época de profundas transformações para a aristocracia rural baiana e de profundas mudanças do papel da mulher na sociedade”.¹⁵

Anna Ribeiro de Araújo Góes foi a primeira romancista baiana, num período em que o cânone literário brasileiro era dominado predominantemente por homens, essa escritora se propôs a produzir textos literários com o intuito de orientar suas conterrâneas nos caminhos da “moral” e dos “bons costumes”. Escreveu vários romances e artigos em vários periódicos da época destacando-se os jornais **A Bahia**, **Jornal de Notícias**, **Almanaque de Lembranças Luso-brasileiro**, **A Liga Baiana das Senhoras Católicas** e **A Paladina do Lar**. Os dois últimos se tratavam de periódicos femininos de defesa da “moral e dos bons costumes”. Praticamente todos os artigos publicados por Anna Ribeiro tinham como temas centrais a defesa dos valores da elite contra as “novidades vindas de fora” (o feminismo e protestantismo, por exemplo) ou contra hábitos considerados degradantes (jogo, bebedeira etc.). Contraditoriamente uma mulher que defendia o lugar tradicional da mulher num mundo patriarcal precisara sair ao ambiente público para defender seus valores. Seu primeiro romance, **A Filha de Jephthé** (1882), foi prefaciado pelo Visconde de Taunay a pedido do seu primo o barão de Araújo Góis, em um trecho do referido intróito afirma o “honorável” padrinho da autora: “Fiz o que me pediu, o elogio do livro; entretanto, a autora embora denote

¹⁴ FREIRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano. 15 ed. São Paulo: Global, 2004, p. 249.

¹⁵ FONTES, Nancy Rita Vieira. **A bela esquecida das letras baianas**: a obra de Anna Ribeiro. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1995, f. 19.

grandes qualidades, deve procurar assuntos mais simples e que falem à sensibilidade do nosso povo”.¹⁶

Tendo sua obra suplantada pelo tempo e pela literatura oficial que silenciava a produção feminina, Anna Ribeiro deixou registrada em pequenos caderninhos as *suas memórias* que foram publicadas em 1992 pela editora Nova Fronteira, por esforços dos seus descendentes, os Clemente Mariani, o que fez com que os seus escritos fossem lembrados e estudados por vários historiadores contemporâneos. No entanto, não obstante os **Longos Serões do Campo**, título da biografia referida anteriormente serem objetos de sucessivas análises a produção literária de Anna Ribeiro ainda continua praticamente inexplorada principalmente como fontes para estudos de História.

O TEXTO EM CONTEXTO: RECONTANDO A HISTÓRIA DE LETÍCIA

Estudar (digo recontar) os textos literários como uma fonte que pode colaborar na construção do discurso histórico é uma questão muito complexa que deve ser encarada com verdadeiro aparato teórico-metodológico. Penetrar nos significados produzidos no passado, acessar o que era inteligível por determinados códigos que hoje se revelam incompreensíveis, procurar ver porque certos textos continuam a ter sentido no presente, com certeza não são tarefas fáceis. Tais problemas incorrem numa questão central: o distanciamento entre o historiador e o seu objeto. Pesavento reitera que cabe a História Cultural superar esses paradigmas. Apoiado num novo modelo centrado na cultura e utilizando conceitos tais como representação e do imaginário ou o princípio do cruzamento das práticas com os discursos de representação do real, escorados na estratégia metodológica detetivesca da montagem por contraste e justaposição, resta apenas definir o marco espaço-temporal de estudo.¹⁷

Demarcados os referenciais teórico-metodológicos e elegendo-se os conceitos de representação e imaginário¹⁸ como norteadores desse estudo, propondo também um

¹⁶ CABRAL, Anna Mariani Bittencourt. Prefácio. In: BITENCOURT, Anna Ribeiro de Araújo Góes Bittencourt. **Contos**. Salvador: datil, [s/d].

¹⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário das cidades: visões literárias do urbano**. Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2 ed. Porto Alegre: Editora Universidade UFRGS, 2002, p. 21.

¹⁸ O conceito de representação segundo Chartier é pensado como algo que permite “ver uma coisa ausente”, quer como “exibição de uma presença”. Nele o social só faz sentido nas práticas culturais e as classes e grupos só adquirem alguma identidade nas configurações intelectuais que constroem. (VAIFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro Flamarion. (Orgs.). **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia da História**. Rio de Janeiro. Campus, 1997, p.154; 155.)

entrecruzamento entre a representação do real e a apropriação¹⁹ do imaginário constituídos por discursos adquiridos socialmente, ou através das leituras feitas por Anna Ribeiro no decorrer da sua história

Entre todas as produções de Anna Ribeiro, o romance **Letícia**,²⁰ se destaca por versar sobre os anseios e as dificuldades da elite do recôncavo naquele período, sobretudo no que tange ao modelo que as mulheres teriam que seguir na sua visão.

As figuras femininas são enfocadas dentro de um palco expressamente patriarcal no momento em que essa sociedade passa por experiências que fomentaram o seu declínio no que se refere à economia e organização social. O próprio período em que se passa a trama é bastante sugestivo, o momento em que ocorreram a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República (1887-1892).

Letícia é uma moça filha de um nobre senhor de engenho do recôncavo baiano sendo um modelo de moral e virtude. Entretanto ela se apaixona por Eurico, um jovem estudante de direito da Corte, que tem um pai símbolo dos vícios da cidade (jogo, luxúria etc.). Mesmo contra os conselhos do pai, Letícia acaba se casando com Eurico, a desarmonia entre o casal leva-os a separação. Letícia vai para o velho e decadente engenho do pai, o Sr. Travassos, que se encontra doente, enfermidade essa atribuída “a pirraça dos escravos”. Eurico, por sua vez, vai para Corte defender as idéias abolicionistas e republicanas em que acreditava, se apaixonando por uma mulher que tira todo o seu dinheiro, a devassa atriz Edelvira, com quem acaba tendo um filho. A morte do pai de Letícia faz a jovem senhora ter que se ocupar de serviços relativos ao árduo trabalho do engenho. Entretanto, a decadência da cultura da cana-de-açúcar – no romance atribuído ao “mau passo” da princesa Isabel em libertar os escravos – leva a jovem a vender suas posses, indo morar numa roça comprada na ilha de Itaparica. Enquanto isso os casais Fabio e Ismênia e Conrado e Marieta, amigos da heroína, se esforçam para restaurar o casamento dos protagonistas. Abandonado por Edelvira, Eurico cai doente num mosteiro em Salvador e acaba por receber os cuidados de Letícia que apenas diz atender suas obrigações de esposa, se sentido indigno do perdão de

¹⁹ Segundo Roger Chartier “a apropriação tal como entendemos visa uma história social dos usos e das interpretações, relacionadas às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os produzem”. (CHARTIER, Roger. **A beira da Falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFMG, 2002, p. 68.)

²⁰ BITTENCOURT. Anna Ribeiro de Góes. **Letícia**: Romance original. Salvador: Litho-Typ. E Encadernação Reis & Cia, 1908.

Letícia, Eurico mesmo assim implora-lhe a redenção. Ao final, o marido se arrepende do seu “mau passo” e é perdoado por Letícia que consegue enfim restaurar o seu casamento e a sua família.

Como Anna Ribeiro representava os acontecimentos que ocorreram no contexto em que viveu? Sob que ótica ela os enxergava? Como ela interpretava esses acontecimentos? Com certeza o fato de ser uma mulher da elite certamente incorrerá num olhar distinto que pode fornecer informações interessantes não só sobre tais acontecimentos, mas como a elite lidava com eles e, quais posições eram atribuídas às mulheres diante das mudanças que incorreram a partir daí. Tais fatos foram inscritos tanto no contexto das suas histórias quanto na descrição de seus personagens.

Letícia se passa diante de dois acontecimentos que marcaram mudanças na sociedade baiana e brasileira no final do século XIX: a abolição da escravatura e a proclamação da República. Com o intuito de contextualizar a história, a autora assim se refere a esses períodos: “Os estadistas que levaram a princesa a dar este **golpe** nem ao menos cogitaram da época em que seria menos conveniente”.²¹ (destaque meu). “*Grande Revolução* se operara em nosso paiz: cahira o Império e fundara-se a República”.²² (Destaque meu)

Ao se referir a abolição como “golpe” e ao advento da República como “grande revolução” a autora dá uma idéia precisa do impacto que esses fatos causaram na elite e de como a mesma os enxergava. No decorrer do romance a transição do ambiente do engenho para a cidade após morte do Sr. Travassos, pai da protagonista da trama, reforça essa impressão. Esse senhor de engenho que inicialmente é caracterizado como “abastado senhor de engenho” se vê as voltas com a “pirraça” e “rebeldia” dos escravos que ele tratara “tão bem” durante o período do cativo, acaba adoecendo diante da “terrível labuta” com criados. A narradora descreve o já enfermo Sr. Travassos sentado “[...] em uma poltrona, imóvel, com o olhar fixo e profundamente triste, que inculcava refletir no infeliz estado em que se achava”.²³

A grande transformação do vigoroso senhor de engenho caracterizado no início da história, num decadente homem após a abolição, tipifica as mudanças ocorridas no

²¹ BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Góes. **Letícia**: Romance original. Salvador: Litho-Typ. E Encadernação Reis & Cia, 1908, p. 169.

²² Ibid., p. 103.

²³ Ibid., p. 72.

seio da família patriarcal. O Sr. Travassos ainda antes do “golpe” chama seu genro, o advogado Eurico, para comandar a transição da mão de obra escrava para a livre, mas, ele recusa argumentando não se dar com o ambiente rural. A própria autora passara por uma situação semelhante no período em que seu pai adoecera, seu esposo Sócrates Bittencourt teve então que assumir o engenho da família, algo que não aconteceu na ficção pelo fato da personalidade “degenerada” de Eurico.

O próprio ambiente do engenho no início da trama descrito com tanto afincio como um lugar bem cuidado cheio de flores e alegria depois é definido com nostalgia pela narradora:

Nas extensas cercas já algumas estacas deixando o prumo, se inclinando para o lado. A grande de engenho em outro tempo animada e alegre pelo movimento de trabalho, era silenciosa e triste como o condenado que, sem estar enfermo, sente que seus dias estão contados.²⁴

A nostalgia e o saudosismo expressos descrevem o sentimento de que a estrutura rural e senhorial estava se esvaindo, na visão da autora. A morte do Sr. Travassos põe fim à agonia e provocam mudanças, num ambiente senhorial, a falta do senhor faz com que sua estrutura desmorone provocando a dispersão de seus dependentes. Sendo assim, só resta a Letícia mudar-se do engenho levando consigo, além de alguns agregados, também D. Henriqueta a solteirona tia que ficara sob a guarda do Sr. Travassos por não ter casado e restringindo sua vida em torno de sua sobrinha, Letícia. O medo de ficar “para titia” levou Letícia a cometer o “mau passo” de casar com um homem de “reputação duvidosa” mesmo contra a vontade do pai, por isso ela sofreu piamente pelo seu “pecado”. A própria autora se casou já muito tarde depois de ter perdido o primeiro pretendente com o médico Sócrates Bittencourt um parente distante.

A ideologia senhorial e patriarcal não se resume tão somente a estrutura socioeconômica da sociedade. Ela vai mais além, configurando a própria forma de pensar e agir das pessoas e legitimando práticas que submetem alguns grupos em detrimentos de outros. A reprodução de valores patriarcais remete entre outras coisas a perpetuação da supremacia do ente masculino sobre o feminino legitimado por instituições sociais que visam manter a ordem dominante. A investigação desses

²⁴ BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Góes. **Letícia**: Romance original. Salvador: Litho-Typ. E Encadernação Reis & Cia, 1908, p.100.

discursos incorre na avaliação de como o agente histórico se apropriou desses valores e regras e, não apenas isso, investigar como as pessoas viviam, mas como elas pensavam – como interpretavam o mundo conferiam significado e lhe infundiam emoção.²⁵

Como Anna Ribeiro representava os discursos que apreendeu? Responder essa pergunta é ter que entender o discurso patriarcal e de relações de gênero.

Para Saffioti, o conceito de patriarcado trás implícita a idéia de relações hierarquizadas entre seres desiguais. É ele que traz ferramentas explicativas para as desigualdades. Nesse mundo que começa e se encerra na vontade do senhor, a mulher é vista por vezes apenas como uma reprodutora, mãe e esposa circunscrita ao ambiente privado no seio da sua família. Não cumprir esses papéis significa não ter sido uma mulher completa.

O conceito de gênero, por conseguinte é um empreendimento realizado pela sociedade para transformar o ser macho ou ser fêmea em homem ou mulher. Nesse sentido gênero é uma construção social.²⁶ Para Saffioti os conceitos de patriarcado e gênero estão intrinsecamente ligados e fundamentados nas mesmas bases. O discurso patriarcal tem, historicamente, sido fundamentado pelas instituições sociais como escola, igreja, Estado. Sendo que a igreja tem um papel proeminente dentro desse contexto.

A difusão do marianismo pela igreja católica no século XIX fortaleceu a dominação de um gênero em relação ao outro. Adriana Reis relata que na defesa da primazia sobre a educação feminina, a imagem da Virgem Maria, como ideal de mulher, foi muito enfatizada durante o século XIX. O cristianismo teria salvo e libertado a humanidade através de Maria sendo ela o referencial para toda a “crente fervorosa”.²⁷ A igreja encontrou na mulher uma forma de tentar conter a perda da sua força no decorrer daquele século. Foi atribuída a mulher três ministérios: a submissão, a educação e a caridade.²⁸

Anna Ribeiro escreveu um artigo sobre o culto mariano onde conclama as “moças de bem” a seguir o modelo da “Rainha Mãe”:

²⁵ DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos**: e outros episódios da história cultural francesa. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. 330.

²⁶ Cf. SAFFIOTI, Helleieth I. B. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Persar Abramo, 2004.

²⁷ REIS, Adriana Dantas. **Cora**: Lições de comportamento feminino na Bahia do século XIX. Salvador; Centro de Estudos baianos da UFBA, 2000, p.85-86.

²⁸ Ibid.

É, pois Maria o modelo da virgem, esposa, e mãe. [...] Eis porque o seu culto é tão grato aos corações das mulheres que procuram trilhar as veredas da virtude. Por isso é que se empenham em ornar de flôres sua imagem, em queimar incenso sobre os seus altares [...]. Correi, pois, filhas esposas e mães aos templos e Santuários a prostrar-vos diante da Rainha-mãe dos catholicos. [...]. E vós, Soberana Senhora protegei vossas servas, e dae impulsos a obra de regeneração da humanidade, redimida com sangue de vosso filho e com a santidade de sua doutrina.²⁹

Católica fervorosa, Anna Ribeiro inscreveu os valores marianistas no personagem Letícia. Admirada por todos, Letícia é caracterizada como uma mulher de caráter irretocável e de uma santidade divinal que lembra em muito a própria Virgem Maria. Ela é encarregada de socorrer o pai no leito de morte mesmo com a incompreensão do marido e também de cuidar do mesmo quando adoece e é abandonado pela amante por quem abandonou a nobre esposa. Tratando-o com todo o respeito que se deve a um marido Letícia sempre recebe em sua casa mesmo sabendo que ele vive uma “paixão infame” com a devassa atriz Edelvira. Letícia não recebe o marido de volta a menos que ele se arrependa. A mãe de Anna Ribeiro, Dona Anna da Anunciação, era tida por todos como uma santa que tratava bem “até” aos escravos não aceitava a infidelidade do marido:

Maria da Anunciação sabia trechos e trechos de cor da bíblia, [...] Mas, com uma forte personalidade não fora feliz no casamento. Viviam praticamente separados, ela e o marido, dentro da casa do Engenho, pois era extraordinariamente ciumenta e não se conformava com a poligamia que reinava entre os senhores naquela época. Minha avó dizia: “minha mãe era boa para todo mundo, mas não tinha paciência com meu pai”. Teve porém uma grande missão a cumprir: amparar o pai, os irmãos mais novos, ser uma mãe extremosa e depois uma avó incomparável.³⁰

Isso acontece depois que ele perde tudo com os desejos de Edelvira. Doente, pobre e sem ninguém é Letícia quem cuida do marido e o recebe de volta. Enquanto Letícia é o modelo da mulher virtuosa (heroína que a leitora deve se identificar), Edelvira é sua antagonista modelo de mulher pecadora que leva o homem a destruição – propositalmente, ou não, uma típica mulher urbana “desfrutável”. Eurico, o esposo, é o

²⁹ BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Góes. **O mês de Maria**. Transcrito pela neta Stela Mariani Bittencourt. [s/d]

³⁰ CABRAL, Anna Mariani Bittencourt. Prefácio. In: BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Araújo Góes Bittencourt. **Contos**. Salvador, [s/d], p. 12.

pecador que gasta todos os seus bens – como na parábola bíblica do filho pródigo? – e é degenerado por seus pecados até encontrar sua redenção Letícia.

No final da trama, Eurico se arrepende e volta ao seio do lar implorando o perdão da esposa, ao afirmar: “– Letícia, tens razão em não me acreditar, conheço a profundidade do abismo onde cai e do qual tua mão receptora me tirou”.³¹

Mesmo sem perdoar de início por pensar que o rapaz apenas queria retribuir os cuidados dispensados por ela. Letícia por fim o perdoa. A própria narradora se encarrega de anunciar o desfecho, onde o “Mancebo, louco de jubilo lançou-se aos pés da esposa beijando-lhe as mãos, não com amor, mas com a adoração que o verdadeiro crente consagra a uma divindade”.³²

A nova conjuntura social que se configura na Bahia oitocentista e a nova forma de socialização da mulher durante esse período fez a igreja ao perder espaço ver em suas devotas à possibilidade de formar um exercito a lutar pela preservação da “moral e dos bons costumes”. O discurso marianista veio a reforçar essa estratégia mantendo ao mesmo tempo a manutenção do papel submisso da mulher e ao mesmo tempo reverenciando-a como redentora tipificada na alegoria de Maria mãe de Jesus.

Roger Chartier afirma que o livro procura instaurar uma ordem, mesmo que caiba ao leitor atribuir-lhe significados.³³ A intenção de convencer suas jovens leitoras desse papel levou Anna Ribeiro a “missão” de educá-las através da literatura. No prólogo de Letícia os termos utilizados por ela ao referir-se aos objetivos do livro são bem alusivos: “Neste romance procuro demonstrar...”, “finalmente procuro provar...”.

Em sua missão, Anna Ribeiro propõe a instituição de modelos expressos em suas histórias que levassem as moças um referencial de comportamento. Dentro das mudanças que a elite rural baiana enfrentava no final do século XIX, ela irá representar qual o papel da mulher para a manutenção de determinados padrões mínimos dentro desse contexto. Tendo contraditoriamente que sair do âmbito privado ao público para a militância da defesa das “mulheres” e “homens” de bem.

³¹ BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Góes. **Letícia**: Romance original. Salvador: Litho-Typ. E Encadernação Reis & Cia, 1908, p. 204.

³² Ibid., p.206.

³³ Cf. CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. Tradução de Mary Del Priore. Brasília: Universidade de Brasília, 1994.

ALGUNS MODELOS PRESENTES NO TEXTO

Um período de decadência para a elite baiana. Um período de mudanças. No enredo de Letícia se percebe tanto a representação de velhos modelos como a sua transformação. Sendo assim, a mulher em Anna Ribeiro não é tão somente um complemento da família patriarcal agrária como era antes. Não podia mais ser. A mulher, para Anna Ribeiro, deve se adaptar aos tempos difíceis, as mudanças sem que, para isso transponha seus dotes “naturais”. Ela é simples e tão somente uma transição. Nesse prisma é expressa ao mesmo tempo uma Letícia que sonha como ápice de sua vida com o casamento com um galã tipo os dos romances que lia – julgado como más influencias que levaram ao “mau passo” do seu casamento segundo seus amigos – e em outro momento como uma mulher capaz e destemida que assume todos os negócios da família e os faz prosperar.

Outros personagens poderiam passar despercebidos pela sua insignificância do enredo, mas, que se inscrevem como modelos de “ontem e de hoje”. É o caso da tia Enriqueta. Uma infeliz mulher, irmã da mãe de Letícia que se contenta apenas com elogios as suas prendas, mas, que nunca poderá ser mãe, nem senhora de sua própria casa, condenada a viver a vida dos outros. É bondosa, mas, desajeitada, sempre dependente do dono da casa, sem futuro e sem vida própria essa personagem merece um olhar distinto por indicar a posição da mulher celibatária dentro da sociedade patriarcal oitocentista. O medo de se tornar solteirona levou Letícia a cometer o “mau passo” de casar com um homem de “reputação duvidosa” mesmo contra a vontade do pai, por isso ela sofreu piamente pelo seu “pecado”. Kátia Mattoso atribui o celibato feminino no decorrer do século XIX a circunscrição da mulher na esfera privada e a endogamia como forma de preservação da riqueza da elite. Esses fatores levaram muitas mulheres a não encontrar maridos e tornarem-se celibatárias.³⁴ Um estudo da família a qual pertencia D. Anna mostrou que no século XIX 42% das mulheres da família Araújo Góes não se casaram. O fim dessas mulheres era ou fazer os votos como freira como foi caso da tia de Anna Ribeiro que foi obrigada a virar freira, logo após a morte de seu pai. Esse fato romanceado em **O Anjo do Perdão**, ou se ficava sobre a guarda de um dos homens da família que herdava também seus bens.

³⁴ Cf. MATTOSO, Kátia M. de Queirós. **Bahia século XIX**: Uma Província no império. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992, p.188-192.

Outro personagem inexpressivo para o desenrolar da trama é Dona Lydia, prima da protagonista, os indícios de sua representação ficam claros quando ela mesma se apresenta:

– Desde a morte do pae de Letícia. Tinha eu perdido meu marido que perdera tudo o que possuía em consequência da lei de 13 de maio. Letícia nesta ocasião oferecera-me sua casa; [...] não aceitei logo o oferecimento, porque preferi empregar-me em uma fabrica e viver com minha filha de meu trabalho...³⁵.

Desprende-se daquilo que se inscreve no personagem Lydia uma nova posição da mulher que, forçada pelas circunstâncias se torna uma trabalhadora braçal numa fábrica de Salvador: não mais uma mulher rural, não mais uma dependente, mas, uma operária que se torna a mantenedora e chefe do seu lar na falta de seu marido.

Voltando a presença de Letícia, pode nela perceber-se um tipo de mulher que muitas ainda hoje chamariam de “feminina”, mas não “feminista”. Assim também se julgava Anna Ribeiro e suas companheiras da Liga das Senhoras Baianas Católicas: uma mulher que deveria ser um porto seguro para o marido e que teria que lutar com instrumentos “naturalmente” conferidos por Deus para o “sexo frágil” para “regenerar” a sociedade. Em artigo intitulado **O feminismo** Anna Ribeiro assim define o papel feminino:

Que a sociedade precisa ser regenerada, é uma verdade há muito enunciada por muitos espíritos refletidos e penso também que está grande missão compete a mulher, sem que para isso seja preciso votar, tomar acento nas câmaras, exercer cargos, que têm sido até hoje da exclusiva competência do sexo forte. [...]. Cabe a mulher à grande tarefa de regenerar o homem: Como educadora e mãe, incutindo-lhe no espírito, de modo indelével, são princípios de moral e de religião, como esposa ou irmã, sustentando-o na luta da existência, para que não perca o rumo nas tempestades das paixões, não se afunde no pélago do vicio; como filha, aplainando-lhe as agruras das veredas da vida, tornando-lhes suaves os trabalhos, suportáveis as contrariedades.³⁶

Letícia cumpre bem o modelo acima descrito pela autora: boa filha, esposa inefável, exemplo de pureza e castidade e de divinal vocação para salvação do degenerado Eurico, que além de um homem fraco é viciado em jogatinas e em prostituição. Contudo, deve-se lembrar que para Anna Ribeiro, é no ambiente privado e

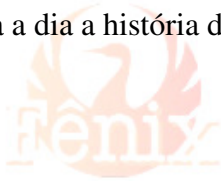
³⁵ BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Góes. **Letícia**: Romance original. Salvador: Litho-Typ. E Encadernação Reis & Cia, 1908, p.136.

³⁶ Id. **O feminismo**. **A Paladina**, Salvador, Tipografia Beneditina, v. I, n. 7, ano II, p. 3-7, 1911.

não no público que deve acontecer essa obra redentora, através da criação dos filhos, dos bons conselhos e, sobretudo, do bom exemplo, que pode ser influenciado pelas leituras de romances.

O romance, na visão de Anna Ribeiro é um instrumento pedagógico sólido que pode conduzir as moças tanto em “maus” quanto em “bons” caminhos. O projeto literário de Anna Ribeiro é como ela mesma afirmara no prefácio da obra ora analisada: auxiliar a educação das jovens moças e prepará-las para um futuro incerto, que lhes destinariam uma nova forma de vida, resguardando-se, porém dos valores e tradições aristocráticos.³⁷

A obra literária de Anna Ribeiro é vasta e tem, com aporte teórico da História Cultural, muito a contribuir para a construção da História da Bahia do final do século XIX. Como ela um dia escrevera no periódico **A VOZ**, da Liga Baiana das Senhoras Católicas, em caráter quase profético: “O romance não é mais uma fantasia de imaginação para o divertimento das damas, porém sim uma obra séria, cujos detalhes são documentados e na qual os investigadores do século próximo irão encontrar escrita, dia a dia a história do nosso século”.³⁸



www.revistafenix.pro.br

³⁷ BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Góes. **Letícia**: Romance original. Salvador: Litho-Typ. E Encadernação Reis & Cia, 1908, p. V.

³⁸ Id. Exaltação. **A voz da Liga Baiana das Senhoras Católicas**, Salvador, v. 2, n. 06, p. 91, 1916.